

ANA MARIA MACHADO

GENTE BEM DIFERENTE

<http://solivrinhos.blogspot.com>

Ilustrações de
FABIANA EGREJAS



“E

ra uma vez um avô e uma avó. Um pai e uma mãe. E dois netos – Rodrigo e Andréia. Gente como toda gente.

Gente como toda gente? Nada disso, gente bem diferente.”

Assim começa este meu novo livro, que conta as incríveis descobertas de dois irmãos sobre as identidades secretas e misteriosas das pessoas de sua família. Uma família muito especial, cheia de segredos. Ou uma família como todas as outras?

Para saber, trate de ler. A história contada pelo Rodrigo. Os versinhos inventados pela Andréia. E, no fim, ainda tem mais. Adivinhe – se for capaz.

Ana Maria



QUINTETO
EDITORIAL

ISBN 85-305-0353-8



9 788530 503536

23300242

ANA MARIA MACHADO

GENTE BEM DIFERENTE

ilustrações de
FABIANA EGREJAS



QUINTETO
EDITORIAL

São Paulo - 2004

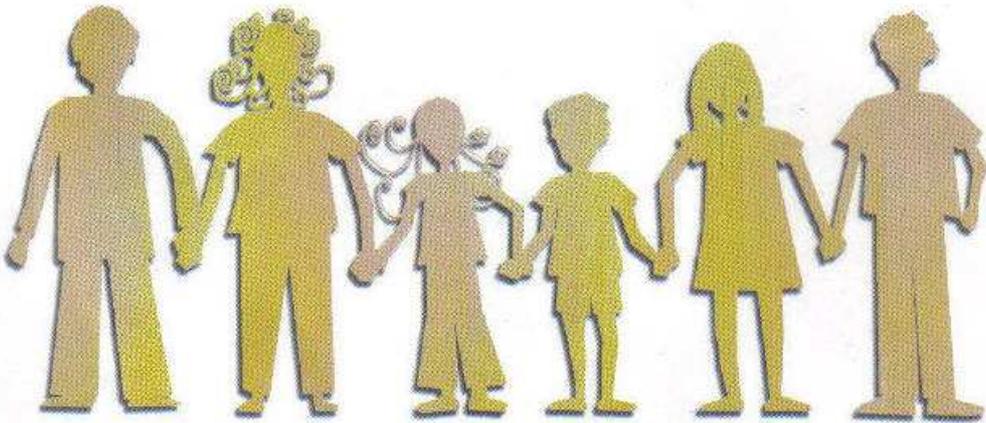
E

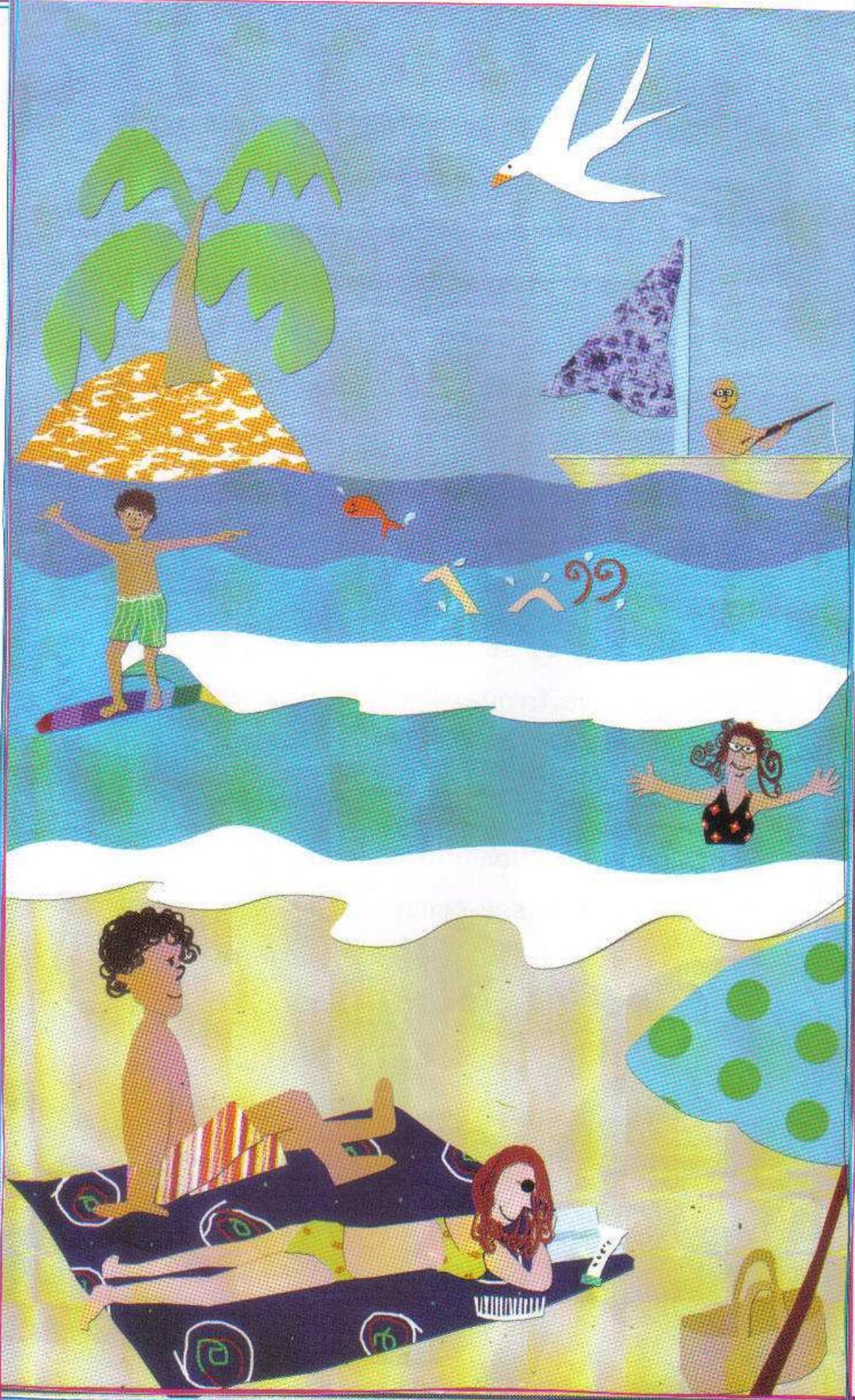
ra uma vez um avô e uma avó.

Um pai e uma mãe.

E dois netos - Rodrigo e Andréia.

Gente como
toda gente.





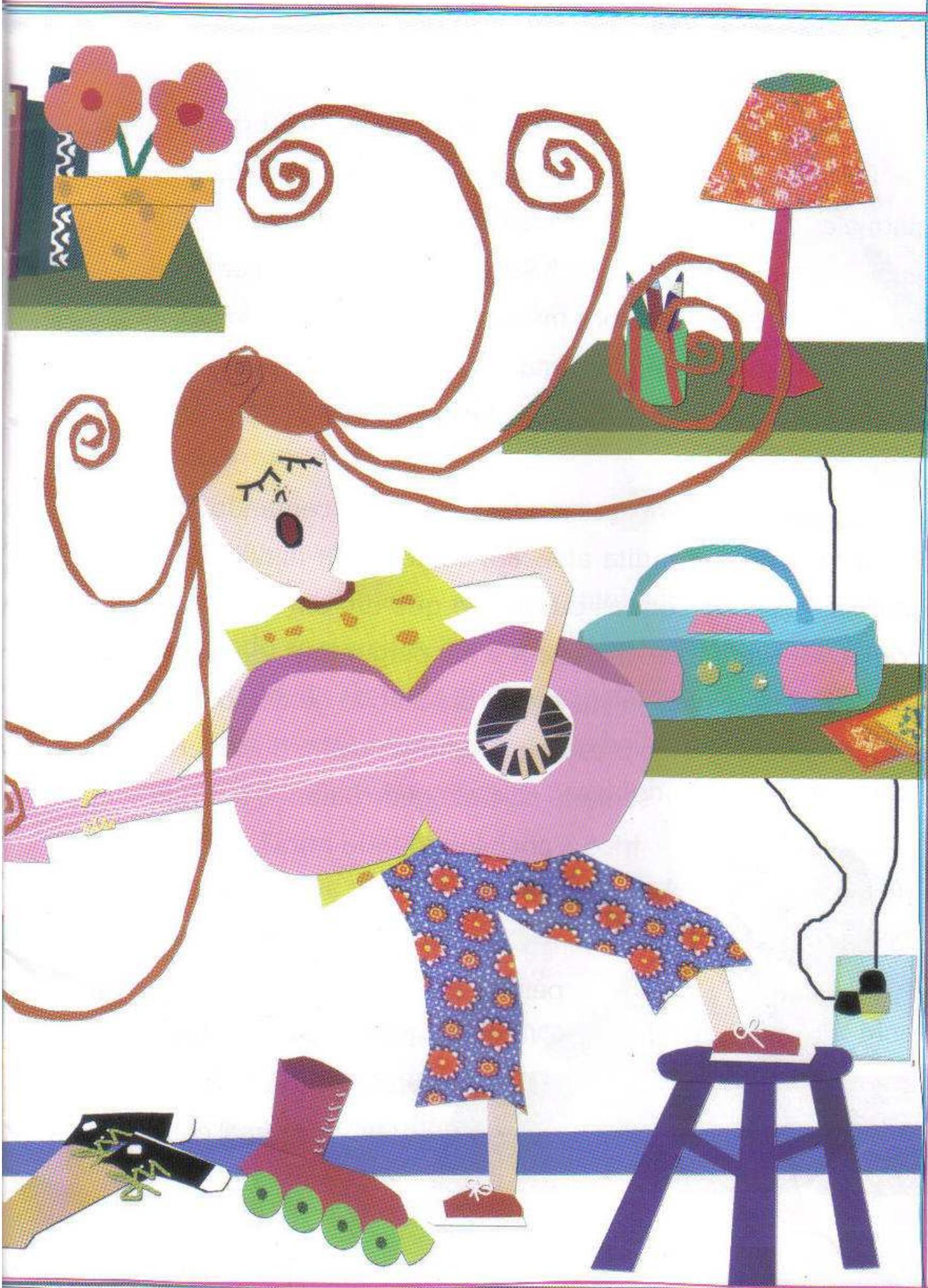
Gente como toda gente? Nada disso, gente bem diferente.

E eu sei do que estou falando porque é o meu segredo que eu estou lhe contando. Sente aí e ouça comigo. É segredo meu e do Rodrigo.

Quem não conhece, nem desconfia, pois vê eles só de fora, com o jeito de todo dia. Jeito de qualquer Chico, de qualquer Dona Maria, de toda e qualquer vó Beth, de qualquer vô Zacaria.

Mas quando se repara bem, fica logo evidente que o jeito que eles têm não é igual ao de toda gente. Que nem eu aqui, agora, contando caso em versinho. Como quem chega de fora, vai falando de mansinho, e depois já foi embora, vai seguindo seu caminho.





– Pois vá mesmo, Andréia. Deixe eu contar um pouco. Primeiro me apresento. Sou Rodrigo, o irmão dela, filho daqueles dois e neto dos outros dois (e tem ainda mais dois avós que não entram nesta história porque moram em outra cidade). Andréia adora música; passa o dia cantando e vive inventando letra que rima. Mas se for contar essa história toda vai levar um tempão. Então eu falo um pouco e depois ela termina.

Mas é isso mesmo que minha irmã estava contando. Pra quem não prestar muita atenção, somos uma família bem normal, parecida com as outras. Só que um dia a Andréia começou a ver umas diferenças e me perguntou:

– Rodrigo, você já viu algum dia a vovó de óculos, velhinha, cabelo branco preso num rolinho no alto da cabeça, sentada na cadeira de balanço fazendo tricô e cochilando toda hora?

Eu tive que rir:

– Claro que não, Andréia, que pergunta!

– Mas em quase todo livro de história avó é assim. Alguma coisa está errada.



– A nossa não é. Quer dizer, óculos, ela até que tem. Mas não tem cadeira de balanço. Também, se tivesse, quase não sentava, porque ela não pára quieta, está sempre agitando. Sai cedinho para a loja, arruma tudo, troca a água dos jarros...

– É que vender flores dá um trabalhão danado – lembrou minha irmã. – Precisa ficar separando as murchas, cortando cabo, toda hora enxugando coisa molhada. E mais atender o telefone, receber cliente, resolver coisa de banco... Não é trabalho para velha.

– Ainda bem que ela não é velhinha. Nem tem cabelo branco...

– É porque ela pinta, seu bobo... – interrompeu Andréia. – Você nunca reparou que às vezes ela aparece com o cabelo mais claro, outras mais escuro?

Eu fiquei espantado, nunca tinha pensado nisso. Mas Andréia sabia de tudo, já tinha até ajudado uma vez a segurar o algodão enquanto a vó apertava um tubinho para sair a tintura.





– Ela agora anda com vontade de usar lentes de contato quando tiver uma grana. Ainda outro dia estava dizendo que está cansada de usar óculos, quer renovar o visual... – continuou minha irmã.

– É?

– A vovó é muito vaidosa e me ensinou uma porção de truques.

Eu tenho até vergonha de contar, mas foi bem assim, eu devia estar parecendo um bobo, só perguntando e repetindo:

– Truques? Como assim?

Andréia explicou:

– Lavar a cabeça com macela para clarear o cabelo, comer cenoura para a pele ficar bonita, essas coisas. Depois, ela me penteia, a gente se olha no espelho e ela pergunta: “Espelho claro como a água quieta, será que no mundo existe menina linda como a minha neta?”

Puxa, eu não sabia de nada disso... Era uma coisa só das duas. Acho que fiquei com um pouco de ciúmes, só um pouco, não sei bem. Meio chateado de ver que estava de fora. Mas perguntei:

– E o espelho responde?

– Responde! – garantiu Andréia. – Quer dizer, eu mesma nunca ouvi muito forte, só uns barulhinhos tão fraquinhos que nem dá para entender. Mas a vovó está bem acostumada e entende tudo, então ela repete pra mim. Quase sempre ele diz que eu sou a mais linda, mas às vezes implica. Fala que eu tenho que escovar os dentes, dormir mais cedo, comer mais ou não ficar de cara zangada. Parece até gente grande.

Achei um pouco esquisito.

– E você acredita?

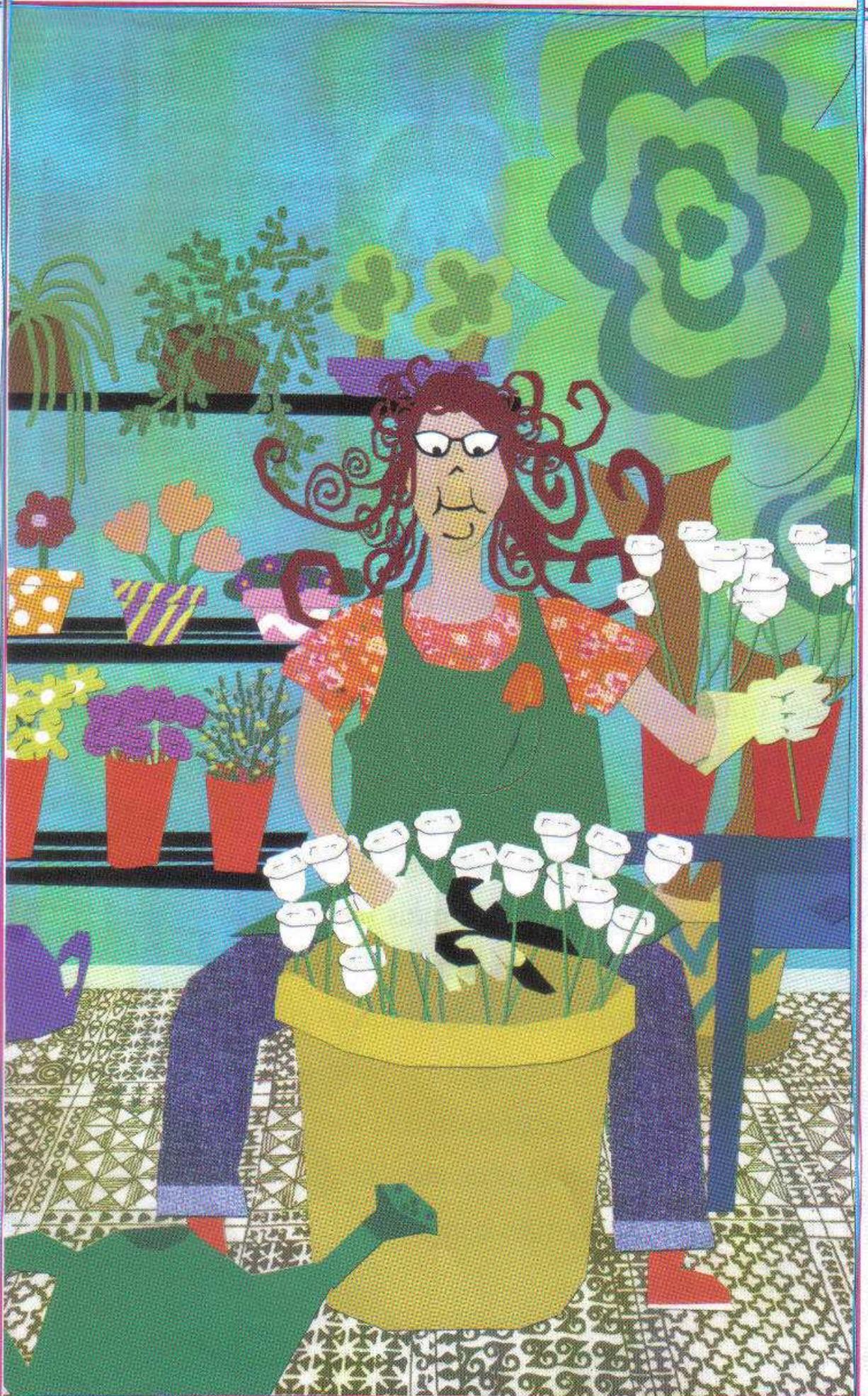
– Claro, já vi tantas vezes a vovó falando com as plantas e as flores lá na loja e elas fazendo direitinho o que ela pede: ficam mais lindas, duram mais, tudo como ela quer. Um dia desses, ela convidou umas margaridas para entrarem num pano para mim. E no dia seguinte, quando eu cheguei, não é que as flores não estavam mais no vaso e ela já me deu um vestido pronto todo cheio de margaridinhas?

– Puxa!

– E sabe por que tudo isso?

Eu vou lhe contar o que eu descobri. Mas é segredo, não conte para ninguém.





Aí ela encostou a boca no meu ouvido e contou, fazendo uma cosquinha gostosa. Mas eu não posso contar a ninguém agora, porque prometi. Daqui a pouco ela mesma conta.

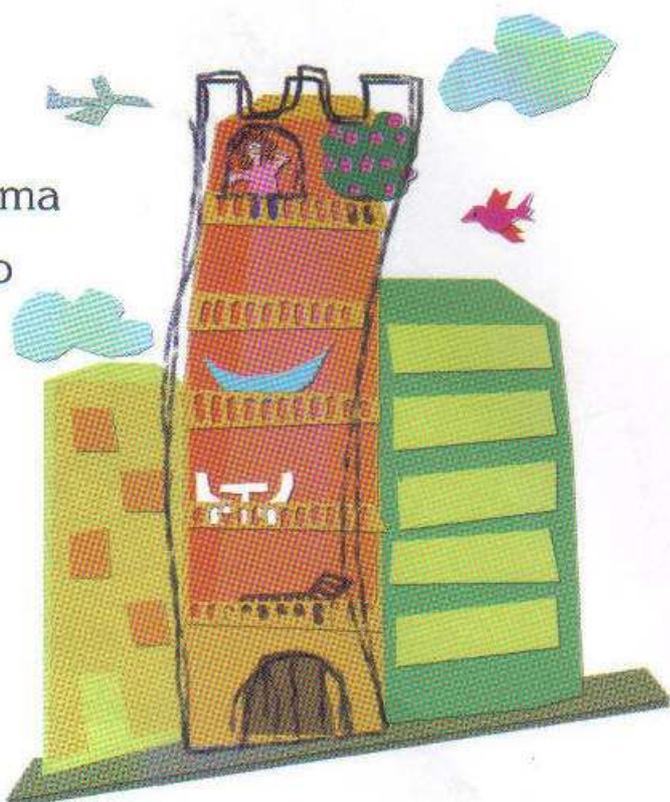
Só perguntei:

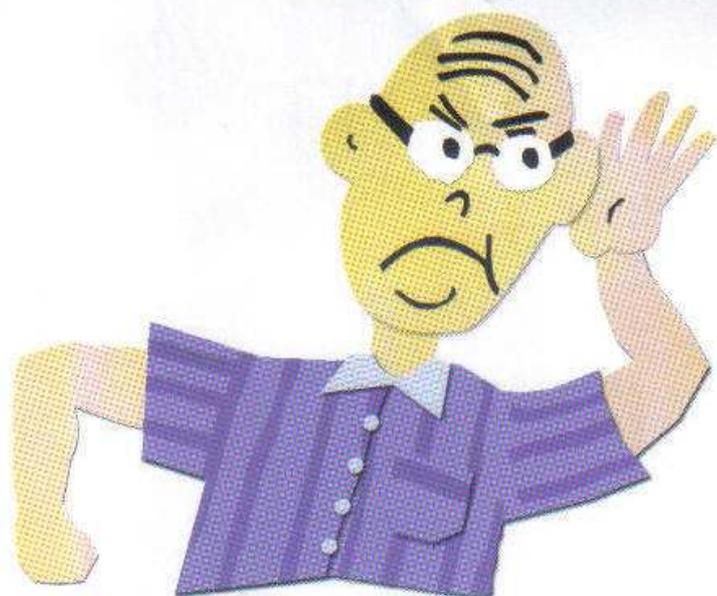
– Você tem certeza?

– Claro. Quer outras provas? Número um: o pezinho dela é pequeno, menor que o da mamãe. Número dois: ela adora maçã. Número três: ela vive tirando as etiquetas de dentro das roupas, reclama que tudo espeta, como aquela moça que deitou em cima de montes de colchões empilhados e não dormia por causa de uma ervilha lá embaixo.

Aí entendi tudo e lembrei de outras coisas:

– Isso mesmo! Andréia, você tem razão! Claro que é verdade! E tem mais coisas ainda, outras provas. Ela gosta de ganhar rosas; sempre que a gente pergunta que presente ela vai querer, diz que basta uma rosa, que nem a Bela. E também tem sono pesado e prefere que a gente acorde ela dando beijo (mas nunca dormiu cem anos). E ainda mora num prédio tão alto que só pode ser uma torre...





Depois dessa conversa, andei uns tempos pensando no resto da família. Acabei descobrindo também. Quando tive certeza, perguntei a Andréia:

– E o vovô Zacaria?

– Que é que tem?

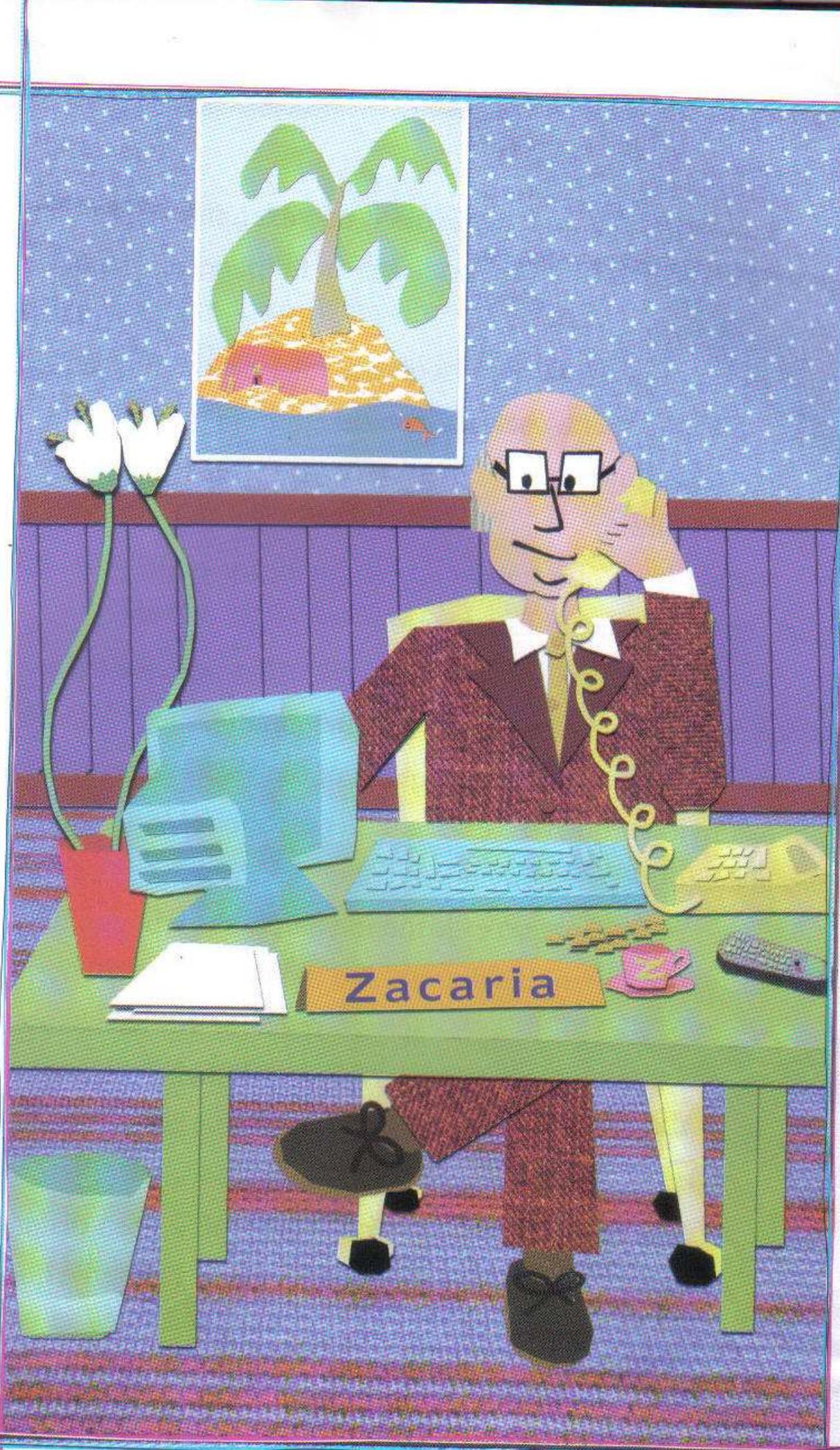
– Você imagina ele que nem avô de história? Um cara meio surdo e esquecido, sempre em casa lendo o jornal, de chinelos e pijama, fumando cachimbo e resmungando?

– Essa não! – riu Andréia. – A gente entra naquele banco e sempre encontra o vovô atrás da mesa assinando papéis, falando ao telefone, e um monte de gente esperando a vez de falar com ele. Sempre ocupado e importante. Adoro quando ele conta que começou a trabalhar lá como mensageiro, quando ainda era menino... E trabalhou tão bem que os donos nunca mandaram ele embora.

Eu criei coragem, respirei fundo e comentei:

– Pois eu descobri que isso não é verdade, Andréia. Essa história de subgerente de banco é só um disfarce do vovô. Para despistar. Para a polícia não pegar...

– Polícia? O vovô é um bandido? De onde você tirou essa idéia maluca, Rodrigo?



– Hoje em dia, não. Quer dizer, não exatamente um bandido. Mas se descobrirem, pode ser muito perigoso pra ele.

– Por quê?

Foi a minha vez. Pedi segredo, falei no ouvido, aquela coisa toda. Mas a escandalosa da Andréia quase estraga tudo porque gritou:

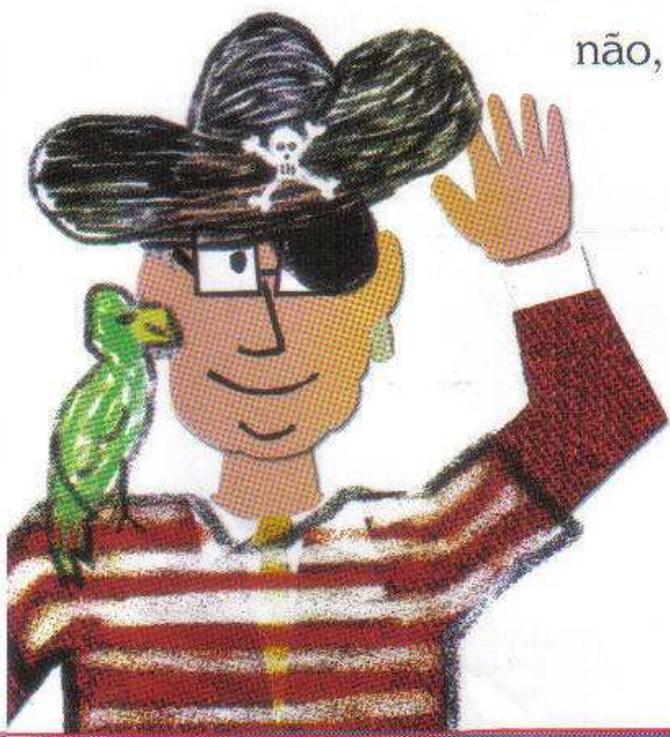
– Um pirata?

Ainda bem que não tinha ninguém por perto. Tive de acalmar minha irmã. E expliquei:

– Mamãe não vive ralhando com ele, dizendo que ele não devia nos encher de presentes porque ganha pouco? Mas ele continua dando. Deve ser porque tem um tesouro escondido em algum lugar que só ele sabe. E lá no banco? Você alguma vez já ficou por perto ouvindo a conversa? As pessoas pedem dinheiro e ele manda dar. E não é pouquinho, não, Andréia, são milhões, milhões...

– Será mesmo? Eu não sabia. Pensava que era dinheiro do banco, do dono do banco, sei lá, eu não entendo nada dessas coisas.

– Pois acho que é para disfarçar. Pense um pouco. De que é que ele gosta?



– De praia, pescaria, andar de barco. E de mapas antigos.

– Está vendo só? Um velho marinheiro... E de que é que ele não gosta? – continuei.

Andréia pensou mais, antes de responder:

– De fazer a barba. De usar gravata. De despertador. E de lagartixa...

– Claro, é jacaré pequeno!...

Foi só aí que ela entendeu, acreditou e falou:

– Meu Deus! Igualzinho ao Capitão Gancho! Um avô pirata! Com medo de crocodilo...

Depois acrescentou:

– Mas ele é um homem bom, só pode ser um pirata do bem. Que só foi ser pirata porque a mãe dele morreu quando ele era pequenininho e não explicou direito o que é certo e errado. Igualzinho ao Barrica, da história do Peter Pan...

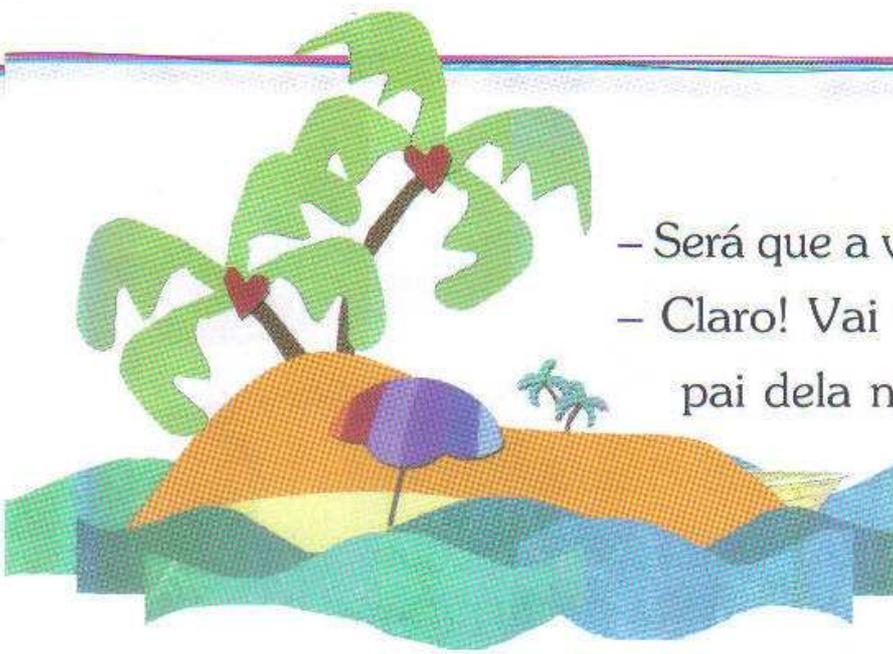
– ... que ele mesmo adora contar pra gente...

– É, que ele mesmo conta – concordou Andréia.

Pensou mais um pouco e acrescentou:

– Rodrigo, você tem razão. Lembrei de outras coisas. Ele adora usar camisa listrada. E tem um papagaio. Quem diria, hein? Um avô pirata... Nosso próprio avô...





- Será que a vó Beth sabe? – perguntei.
- Claro! Vai ver se apaixonaram e o pai dela não deixou eles casarem.

Ou então tinha muitos cavaleiros pretendentes e então ele raptou ela e

levou para uma ilha deserta. Eles não vivem contando que já fizeram uns passeios numa ilha? Ah, que romântico!

Depois dessa conversa ficávamos toda hora olhando os dois e descobríamos mais alguma coisa. Íamos sempre à loja de flores da vovó, que é perto daqui de casa e dá para ir sozinho. Reparámos que ela usava luvas para mexer com as rosas:

– É por causa dos espinhos – explicou. – Senão, fico toda machucada. Minha pele é muito delicada.

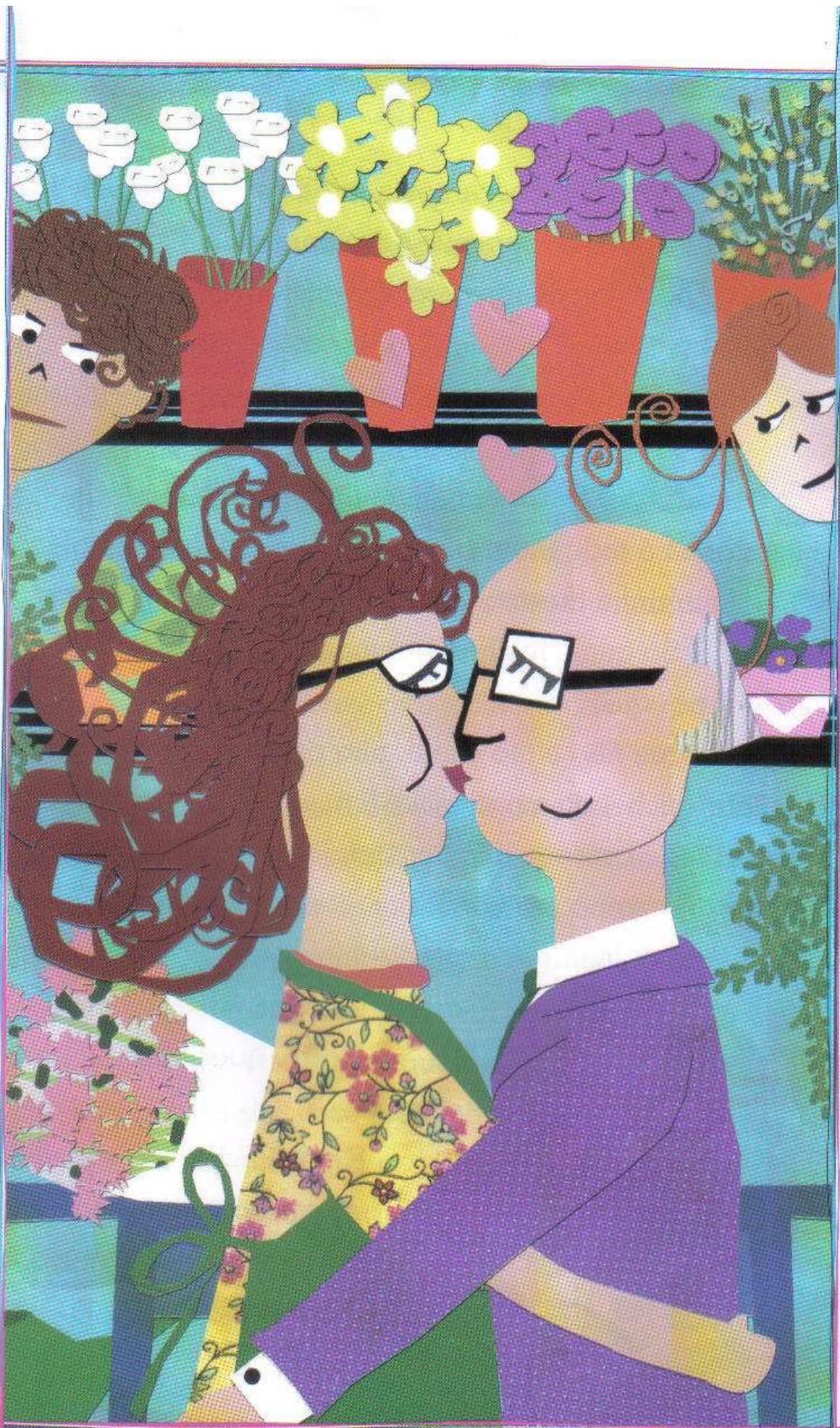
Num fim de tarde, quando estávamos lá, vovô entrou, deu um beijo nela e disse:

– Vim buscar minha princesa.

– Ainda é cedo – disse ela.

– Você se esqueceu de que hoje a gente vai ao Palace?

Eles estavam falando em código! Mas Andréia e eu entendemos perfeitamente: estavam combinando alguma coisa num palácio. Piscamos um para o outro. Se ainda precisasse de alguma prova, essa era a certeza final.



Depois disso, começamos a pensar na filha deles. Isto é, nossa mãe, Maria. Será que dava para ela ser igual a todo mundo sendo filha de um casal tão diferente? Conversamos muito sobre isso.

Quando falei pela primeira vez no assunto, Andréia protestou:

– Mãe, não! Deixe a mamãe de fora dessa história. Ela é igualzinha a todo mundo, a todas as mães lá da escola.

– Igualzinha mesmo? – insisti.

– É... Só que é melhor que todas elas juntas.

– E por quê?

– Porque não é tão chata, não passa o dia todo no pé da gente, enchendo a paciência. E mesmo quando chega do hospital supercansada não fica dando bronca à toa, sempre arruma um tempo pra conversar, cantar uma música antes da gente dormir, contar uma história.

Pensou um pouco mais e corrigiu:

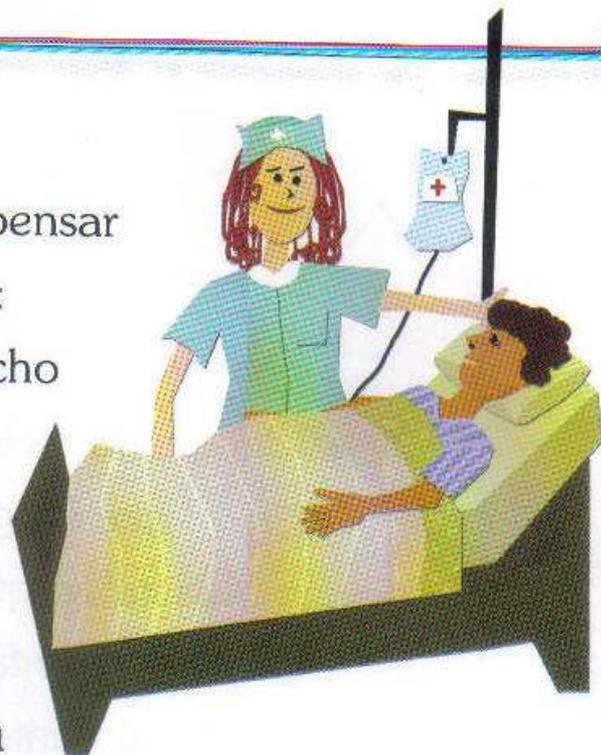
– Bom, quer dizer, quase sempre...

– E você acha isso normal? Uma mãe com tanta paciência assim? Não acha que isso é bem diferente?



Dessa vez Andréia teve que pensar mais um pouco antes de responder:

– Bom, muito normal mesmo acho que não é. Mas ela está acostumada a ter paciência, quem trabalha de enfermeira tem que agüentar uma porção de coisas e ter a maior calma, ser carinhosa, tudo isso. Eu às vezes até acho que é muito esquisito chamar os doentes do hospital de paciente, ela é que é...



– Quer dizer que você não acha que ela é diferente das outras mães?

– Diferente em quê? Só acho que ela é mais bonita. E melhor. E adoro quando ela fica em casa o dia todo depois de dar plantão. Ela fica inventando coisa legal, faz bolo gostoso, enfeita prato, conserta roupa, ensina a gente a fazer desenho e colorir com algodão e raspinha de lápis de cor. Fica lindo, até parece figura de livro, daqueles de história de fadas...

– Ah, agora sim você está começando a me entender...

– disse eu. – E o que é que papai diz das mãos dela?

– Sei lá! “Tira a mão daí?” Quando ela mexe nas coisas dele?

Dessa vez quem quase perdeu a paciência fui eu.



– Puxa, Andréia, às vezes você custa a entender, hein? Isso ele diz é para gente. Mas quando ele vê ela sossegada bordando ou lixando e pintando aquelas caixinhas que ela gosta de fazer pra dar de presente no Natal, o que é que ele diz, Andréia? Será que você não lembra? Ele fala que ela tem mãos...

– ... de fada! – interrompeu ela. – Que tudo o que ela toca fica bonito.

– Isso mesmo.

– E outro dia – lembrou minha irmã –, quando ele se machucou com aquele anzol na pescaria com o vovô, só queria deixar que ela fizesse o curativo. E ficou de novo falando nessas mãos mágicas que ela tem.

– Exatamente, Andréia – concluí. – Por isso é que eu acho que pode ser que mamãe seja uma pessoa bem diferente. Uma pessoa que dá jeito em tudo, resolve tudo quanto é problema que a gente tem. Que trata de nós quando a gente fica doente, dá chazinho, faz massagem, umas poções que ela chama de remédio, e pronto! Num instante melhora tudo. Até machucado. Ela põe no colo, passa mertiolate, que arde um pouquinho, sopra, dá beijo e diz as palavras mágicas: “Pronto, não chore mais que já vai passar!”



– E num instante passa!

– Isso! Num instante passa! – concordei. – Isso não é normal. Mas também ela não podia mesmo ser muito normal sendo filha de quem é.

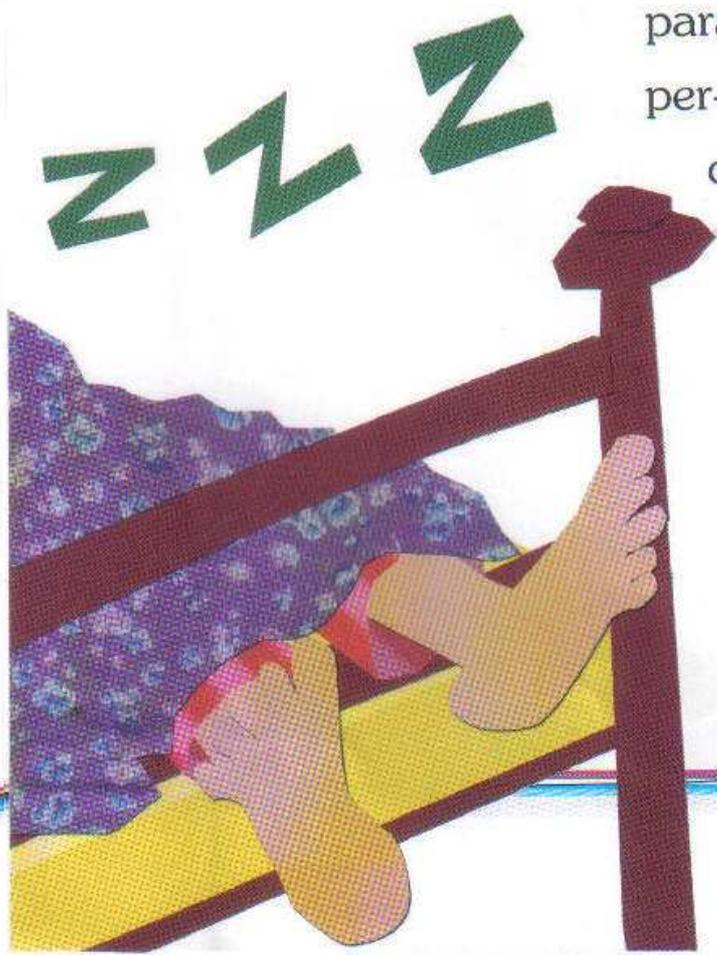
Fomos conversando mais e descobrindo mais coisas. No fim, já tínhamos certeza.

Mas aí apareceu outra dúvida: se mamãe era assim, e filha de um casal tão diferente, será que ia se casar com um cara normal? Ou será que papai também era completamente fora dos quadros? Aí foi muito mais trabalhoso. Porque ele disfarça muito bem. Tão bem que não deu para descobrir.

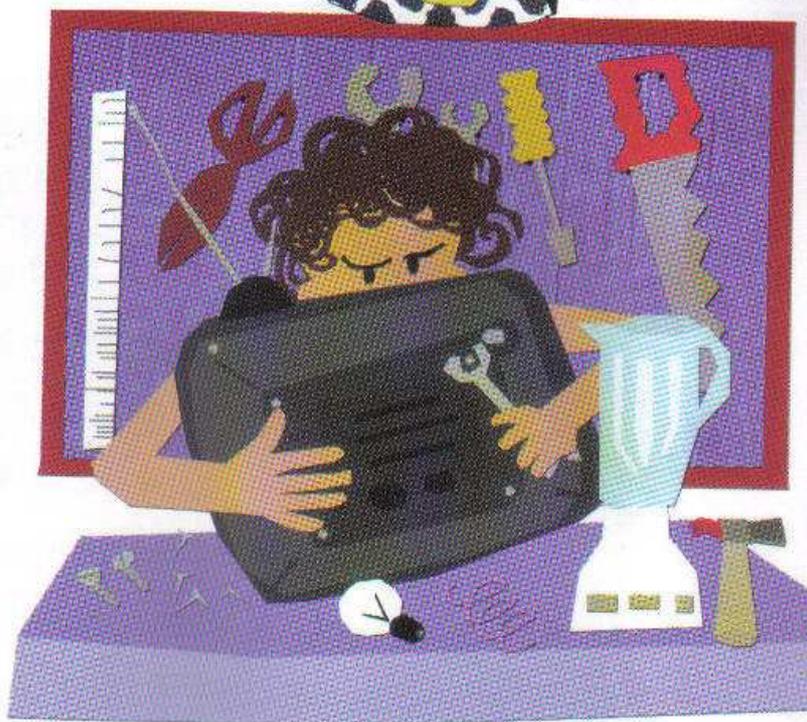
Andréia e eu levamos um tempão reparando bem, prestando atenção. Um sujeito como os outros, de nome comum (Francisco) e apelido mais comum ainda (Chico). Não dá

para ser príncipe, cavaleiro nem super-herói com um nome desses. Um

cara meio desajeitado, que vive esbarrando nas coisas, grandalhão, tão grande que até a cama deles é especial. Quando a gente viaja ele sempre fica com os pés sobrando nas camas dos outros, até mesmo na casa dos pais dele.



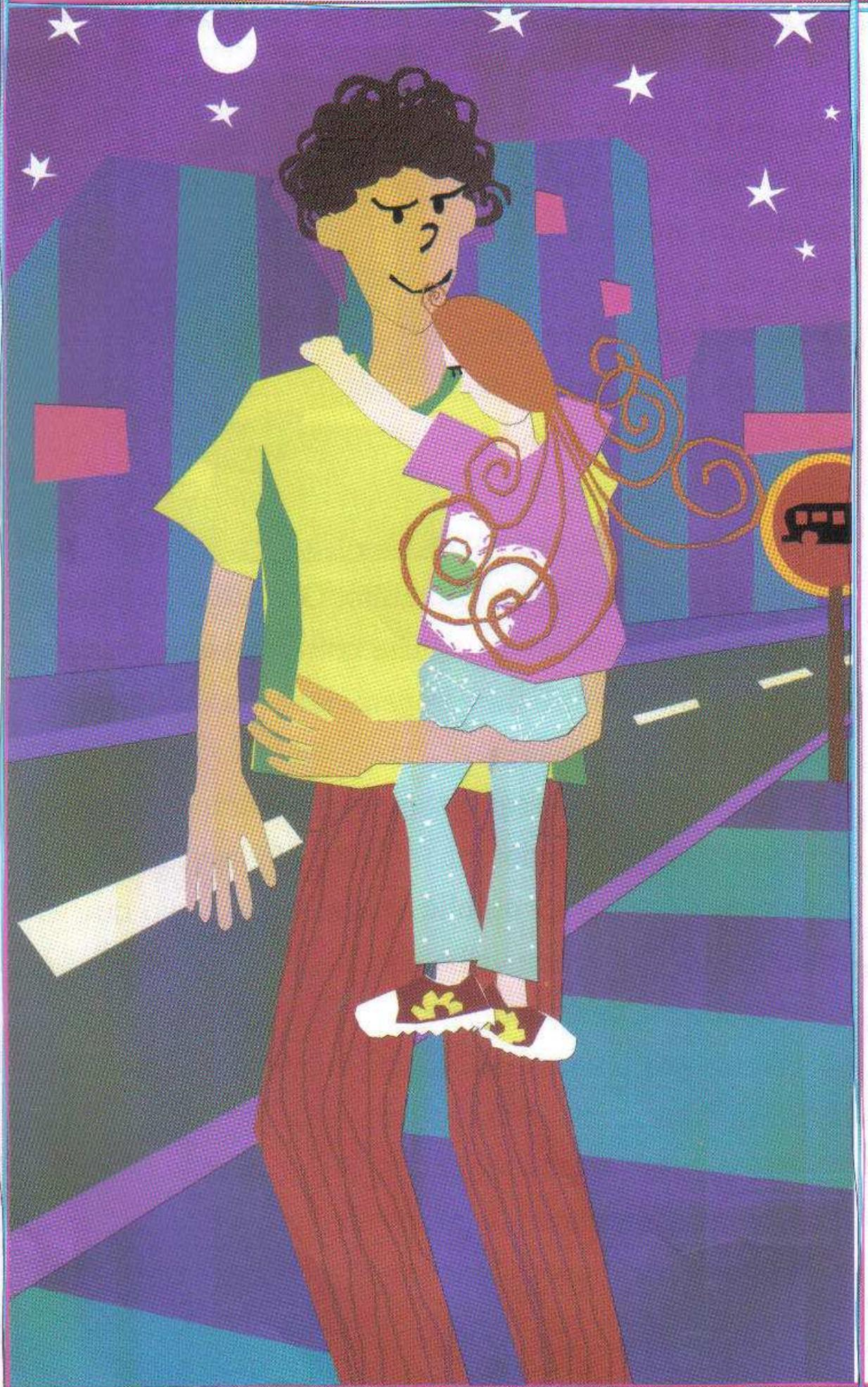
E que pés! Quando vai chegando o Dia dos Pais ou o Natal, ou o aniversário dele, e a gente sai com a mamãe para escolher um presente, é a maior dificuldade achar sapato com aquele número grandão, tem que ser tênis de jogador de basquete.



Ele devia jogar, mas não liga muito. Gosta é de pescar, fazer churrasco ou então de reciclar coisas; passa o domingo metido na oficina dele na garagem, fazendo consertos, parece um inventor maluco.

Já não chega passar a semana toda trancado naquele laboratório onde trabalha, sábado ainda fica ajeitando antena de televisão de vizinho, consertando rádio que está chiando, trocando coisa velha por coisa nova, diz que adora fazer isso, é um descanso.

Ainda no mês passado estava pedindo para ver o abajur da Dona Teresa, combinando para ela trazer a lâmpada velha que ele trocava por uma nova. Fica lá com as ferramentas dele, mas, na hora do almoço, quando o bife está fritando, ele sai lá de dentro e entra pela casa respirando fundo:



“Ai, que cheirinho bom de carne!” E na hora da comilança ainda passa o pão no prato, catando todo o caldinho vermelho. Depois vai dormir. Às vezes ronca, mas só às vezes. E não quer que a gente faça barulho quando dorme de dia. Mas quando vamos a algum lugar e voltamos tarde, se acontece de nós dormirmos no caminho, ele não nos acorda. Carrega a gente no colo, mesmo se for difícil, como no dia em que a gente veio de ônibus e Andréia caiu no sono: ele veio do ponto até em casa com ela no braço, a cabeça deitada no ombro dele. Como qualquer pai. Tudo de bom que a gente quer ele dá um jeito. Pode demorar, pode parecer impossível, pode ser que ele nos explique que vai ter que ser um pouco diferente, mas no fim, pimba! Resolve. Um paizão.

Mas um pai como qualquer outro. Nada de diferente.

Pelo menos era o que a gente achava. Até que, de repente, entendemos.



- Espere aí, meu amigo,
que chegou a minha vez.
Fim do papo do Rodrigo,
que contou tudo dos três.
O assunto agora é comigo,
e eu vou contar pra vocês.

E para que ninguém diga
que a rima aqui me atrapalha,
para não haver intriga,
fofoca que já se espalha,
desta vez conto ligeiro
e vou acabar primeiro.



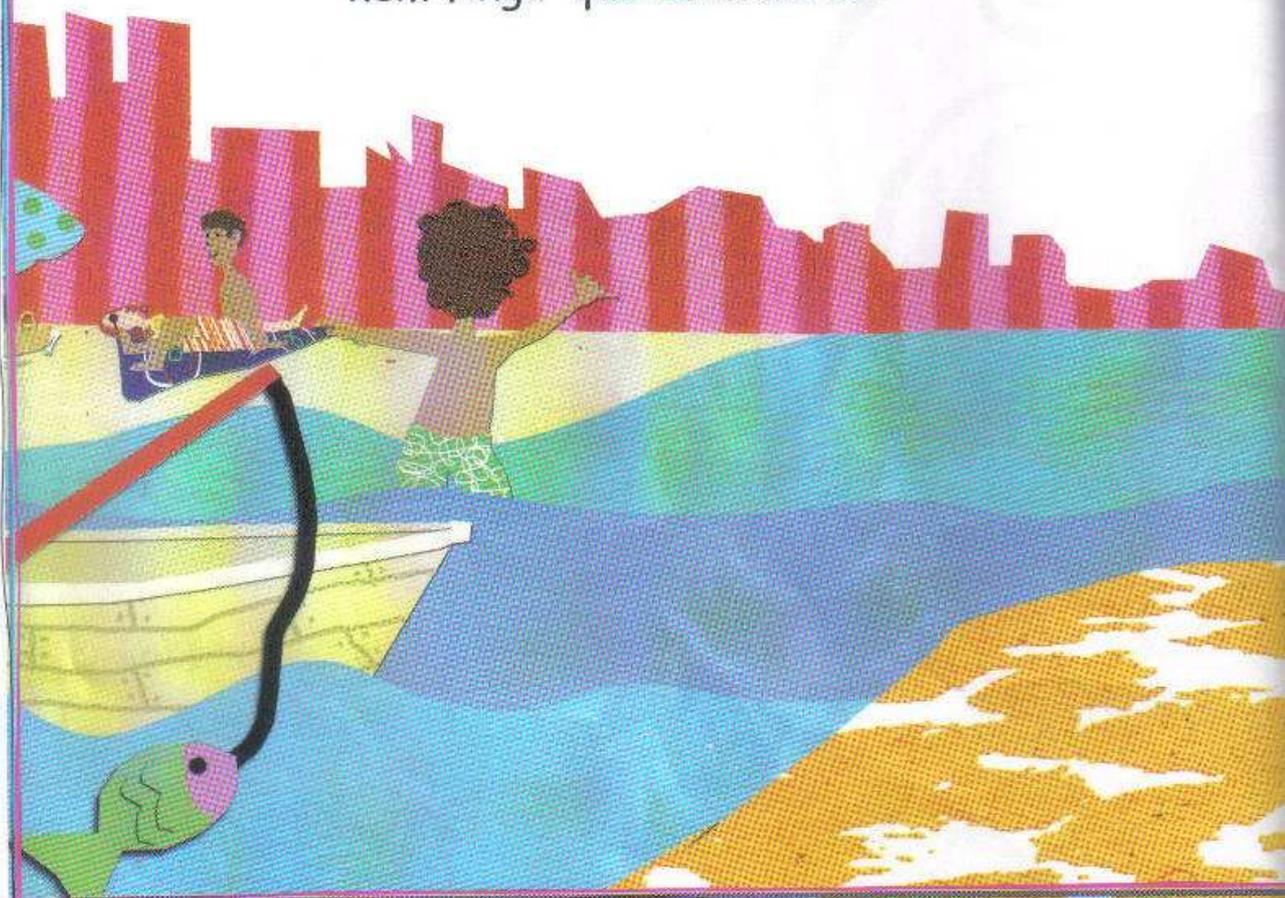


Minha avó é uma princesa,
meu avô é um pirata,
papai é gênio ou gigante,
mamãe é fada que trata.

Esse é o grande segredo,
essa é a maior maravilha,
descoberto tarde ou cedo,
mistério desta família,
diferente mas sem medo:
dois avós, marido e filha.

Só que baú de tesouro
pode ter outra caixinha
onde se esconde mais ouro
que nem parece que tinha,
coisas de pirata mouro
ou de princesa e rainha.

E o segredo revelado
nos mostrou outro mistério
que tem que ser decifrado
pois é mesmo um caso sério.
Não dá pra ser desligado
nem fingir que está aéreo.





Quem é
ANA MARIA MACHADO

Meu nome é Ana Maria Machado e eu vivo inventando histórias. Algumas delas, eu escrevo. E dessas que eu escrevo, algumas andam virando livros. Em sua maioria, livros infantis, quer dizer, livro que criança também pode ler. Adoro meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse. Tanto assim que já fui professora, já fui jornalista (já fui chefe de uns trinta jornalistas ao mesmo tempo), já fiz programa de rádio e acabei largando tudo para só viver de livro.

Coisas de que gosto: gente, mar, sol, natureza em geral, música, fruta, salada, cavalo, dançar, carinho. Coisas que eu não agüento: qualquer forma de injustiça ou prisão e gente que quer cortar a alegria dos outros. Mas isso nem precisava dizer – é só ler meus livros que todo mundo fica sabendo.

Site da autora: www.anamariamachado.com